
NOTAS A RESPEITO DE CAPITALISMO, SOCIALISMO E TERCEIRO MUNDO*

Vânia Rubia Farias Vlach

Profa. do Dep. de Geografia da UFU

Mestre em Geografia Humana, USP

Resumo: *Texto introdutório a respeito de capitalismo, socialismo e Terceiro Mundo, em que se faz uma crítica à concepção segundo a qual há países socialistas na sociedade contemporânea. A partir da explicitação da existência de classes sociais, em que a burocracia (e seu papel político) se destaca sobremaneira, e do caráter assumido pelo Estado nesse conjunto de países, conclui-se que o atual espaço geográfico mundial apresenta apenas um regime social: o capitalismo, internamente muito diferenciado.*

"A sociedade russa, como as sociedades dos países da Europa Oriental, da China etc., é uma sociedade dividida assimétrica e antagonicamente, - na terminologia tradicional, uma 'sociedade de classe'."

Cornelius Castoriadis

A epígrafe acima indica que iniciaremos o nosso texto questionando uma concepção que, embora ainda muito arraigada entre nós, por outro lado já pertence ao domínio das coisas que a história mais recente mostrou ultrapassadas. Referimo-nos à tradicional compreensão de que o espaço geográfico mundial estaria dividido em países capitalistas - ou "bloco" capitalista - , e em países socialistas - ou "bloco" socialista. Entendemos pertinente, então, uma indagação acerca

dos elementos que poderiam justificar tal divisão do mundo. E, já que falamos em divisão do mundo, o tema proposto nos sugere, também, a questão da regionalização do espaço geográfico contemporâneo em países capitalistas, socialistas e do Terceiro Mundo.

Assim, em primeiro lugar, consideramos importante registrar que a costumeira regionalização do mundo por continentes, não obstante haver representado uma das primeiras tentativas (senão a primeira, e de máxima importância) de se compreender a surpreendente "diferenciação de áreas" da superfície terrestre, não consegue mais explicar tais diferenças, ainda que se possa continuar a descreve-las no âmbito de cada uma dessas geo-unidades. Por quê?

De maneira bastante simplificada, porque são as relações so-

* Texto elaborado para atuação no Ciclo de Estudos de Geografia para professores de 1º e 2º graus, promovido pela 26ª DRE - Uberlândia-MG, de 20 a 22 de março de 1989.

ciais, particularmente as políticas, que provocam - e explicam, por conseguinte - diferenças de fundo entre essa e aquela porção árida, entre essa ou aquela cidade, no seio da mesma cidade, região ou país, etc. Em outras palavras: os homens **relacionam-se entre si** e com a natureza, de maneira que suas condições históricas objetivas, fundamentalmente de caráter político, é que permitem compreender como se relacionam com a natureza. É preciso, pois, avaliar se capitalismo (que inclui o denominado Terceiro Mundo) e socialismo correspondem mesmo a duas maneiras diversas de os homens se (re)produzirem e/ou se organizarem em sociedade.

"BLOCOS" CAPITALISTA E SOCIALISTA?

Historicamente, o término da segunda guerra mundial (1945) assinalou, efetivamente, um fenômeno de bipolarização entre os Estados Unidos e a União Soviética, as duas potências vitoriosas que, a partir de então, passaram a disputar territórios para suas áreas de influência; em outras palavras, passaram a disputar a hegemonia, isto é, o exercício da dominação política, econômica, cultural sobre o planeta como um todo (e também sobre o espaço sideral), o que acabou culminando na designada **guerra fria**.

Não há o que objetar em relação a essa bipolarização do mundo de meados da década de 40 até meados dos anos 60. Entretanto, ela acabou provocando grave equívoco, pois justificou-se nas su-

postas diferenças fundamentais entre o capitalismo, sob a hegemonia dos Estados Unidos, e o autoproclamado socialismo, sob a hegemonia da União Soviética.

A questão é muito complexa na medida em que, teoricamente, capitalismo e socialismo são dois sistemas sócio-econômicos diferentes, pois, em síntese, o capitalismo é uma economia de mercado, ao passo que o socialismo é uma economia planificada. O que significa isso?

Significa que, no capitalismo, o mercado é o principal responsável pelas decisões econômicas, pois os proprietários das empresas (industriais, agrícolas, agroindustriais, bancárias, comerciais e de prestação de serviços), ou seus representantes legais, definem em que setor da economia farão seus investimentos, sempre atentos às tendências do mercado, em particular à lei da oferta e da procura. Por quê? Porque trata-se de proprietários privados, que têm liberdade de iniciativa, e que só investem com o objetivo de garantirem a obtenção do lucro para suas empresas. Assim, se a mercadoria X está em falta no mercado, o seu preço tende a aumentar, dada a procura, de maneira que investir nesse setor é interessante para o empresário, pelo menos nesse momento.

É necessário ponderar que os proprietários dos meios de produção (capital, máquinas, matérias primas, terra), porém só conseguem produzir quaisquer mercadorias, isto é, bens econômicos para serem vendidos no mercado, na medida em que outros, exatamente porque foram, ao longo da histó-

ria, desprovidos da propriedade dos meios de produção, são obrigados a venderem sua força de trabalho aos capitalistas, tendo em vista assegurar sua sobrevivência.

Assim, o capitalismo apresenta-se dividido basicamente em duas classes sociais: a burguesia, ou os proprietários dos meios de produção, e as classes trabalhadoras, que recebem um salário em troca da venda de sua força de trabalho. Esta divisão não pode ser encarada de forma rígida, uma vez que não permite a classificação de todas as pessoas, como é o caso dos profissionais que possuem escritórios ou consultórios próprios, ou dos trabalhadores rurais que, no lugar do salário em dinheiro, recebem em espécie. E, certamente, ainda há o caso daqueles que recebem elevadíssimos ordenados, como os altos executivos, que dirigem e/ou administram as empresas capitalistas, geralmente com alguma participação em seus lucros.

O socialismo, por sua vez, confere ao plano o poder de tomar decisões econômicas, porque não existe, em seu interior, a propriedade privada. Assim, como o Estado é o único proprietário de todos os meios de produção, uma planificação central é que define o funcionamento da economia, geralmente durante um período igual a 5 anos (os planos quinquenais), quando algumas atividades são definidas como prioritárias no conjunto da economia do país.

Mas, na prática, o que acontece?

Em primeiro lugar, os planos quinquenais são elaborados por alguns altos funcionários do Estado, que não levam em conta as reivindicações daqueles que, de fato, produzem os bens econômicos, nas cidades e nos campos e, por conseguinte, têm condições de fazer uma análise mais precisa das falhas do sistema. Assim, pode-se afirmar que há uma distância vertical entre tais funcionários e a grande massa de trabalhadores urbanos e rurais; portanto, existem pelo menos duas classes sociais no socialismo: a burocracia, constituída pelos funcionários das empresas estatais, e os trabalhadores, aqueles que produzem os bens econômicos. Paralelamente, a planificação centralizada da economia fortaleceu ainda mais o Estado.

Por conseguinte, em que medida pode-se asseverar que há, atualmente, uma sociedade socialista? Afinal, nos países que se autodefinem socialistas existem Estado (altamente centralizado) e classes sociais! O fato de se autodenominarem socialistas não seria, por si só, um indício de que perduram diferenças em seu interior? As propostas para a constituição de uma sociedade socialista, elaboradas durante o século XIX, por Karl Marx por exemplo, não concebiam a possibilidade de uma sociedade socialista exatamente na medida em que Estado e classes sociais desaparecessem?

Entendemos, pois, que não há como defender a divisão do mundo em "blocos" capitalista e socialista. Existem diferentes classes sociais em um e outro, a burocracia está presente em ambos (é

mais poderosa no socialismo), e não resta a menor dúvida de que, no capitalismo, também existe um Estado que intervém na economia, o que ocorre desde as três últimas décadas do século XIX (mas só se generalizou e intensificou após a crise mundial de 1929). Portanto, podemos asseverar que o espaço geográfico mundial contemporâneo se caracteriza pela existência de um regime social: o capitalismo.

Evidentemente, há diferenças fundamentais nesse espaço geográfico: de um lado, particularmente nos países super-industrializados do "Ocidente", como nos Estados Unidos, Japão e Alemanha Ocidental, instituiu-se o capitalismo burocrático fragmentado, e, de outro, na União Soviética, na Europa Oriental, na China, instituiu-se o capitalismo burocrático total.

Em linhas bem gerais, o **capitalismo burocrático fragmentado** resulta do próprio desenvolvimento do capitalismo, pois sua "evolução tecnológica, a organização concomitante da produção e o processo de concentração do capital levam à eliminação do capital individual 'independente' e à emergência de um estrato burocrático que 'organiza' o trabalho de milhares de trabalhadores nas empresas gigantescas, assume a gestão efetiva da empresa e dos complexos empresariais, encarregando-se das modificações incessantes dos instrumentos e dos métodos de produção" (CASTORIADIS, 1985:53).

De sua parte, o **capitalismo burocrático total** representa uma ruptura na evolução do capitalis-

mo na medida em que provocou a emergência da primeira burocracia moderna; moderna porque tornou-se classe dominante. Dessa maneira, "a propriedade(ou melhor, a **disposição**) privada do capital, o mercado como mecanismo de integração econômica, a distinção formal do Estado e da sociedade civil, essenciais para a existência do capitalismo tradicional, desaparecem sob o capitalismo burocrático total, que se caracteriza pela extensão universal do Aparelho burocrático-hierárquico moderno, pelo plano como mecanismo de integração pela anulação da distinção formal entre a sociedade civil e o Estado" (CASTORIADIS, 1985:57).

É importante registrar que essa análise vem sendo feita já há algumas décadas por alguns filósofos políticos, ou seja, bem antes das recentes transformações encetadas pela China e pela "perestroika" de M. Gorbatchev, na União Soviética.

O Terceiro Mundo, uma expressão bastante ambígua e complexa, a nosso ver só faz sentido à medida que se refere ao conjunto de países que gravita em torno dos interesses dos países capitalistas desenvolvidos porque, desde a instituição da sociedade capitalista (Idade Moderna), porções do espaço geográfico localizadas nos continentes americano, africano e asiático tornaram-se colônias, de sorte que a sua inserção na história ocidental se deu conforme os interesses da burguesia comercial (depois industrial) européia. A conquista de sua independência política, a partir de inícios do século XIX na América

Latina, e da segunda guerra mundial na África e na Ásia, simplesmente transformou as ex-colônias em países dependentes dos países capitalistas desenvolvidos. Em suma: países desenvolvidos e subdesenvolvidos constituem a sociedade capitalista desde que a burguesia européia estendeu-se para fora da Europa. Hoje, em seu interior, diferenciam-se áreas "centrais" (os países desenvolvidos, de elevado padrão de vida) e "periféricas" (os países subdesenvolvidos), em que uma abusiva concentração da renda explica as diferenças entre as classes sociais.

As profundas diferenças ou desigualdades sociais, que ainda hoje caracterizam os países capitalistas subdesenvolvidos, como subnutrição, elevadas taxas de analfabetismo e de desemprego, carência de moradia, saneamento básico, dependência política, econômica e tecnológica em relação às áreas "centrais" do capitalismo, etc. não estão presentes nem mesmo nos países socialistas mais pobres, o que reforça nossa concepção de que o Terceiro Mundo é constituído apenas pelos países capitalistas subdesenvolvidos.

Se, do ponto de vista da regionalização do mundo atual, não há como negar que o espaço geográfico se divide com base em critérios político-econômicos, os quais permitem reconhecer países de economia de mercado e de economia planificada, é preciso observar que no interior de cada um desses grandes grupos há diferenças consideráveis. Por exemplo: no primeiro grupo, sobressai o padrão de vida da Suíça, ao

passo que Portugal apresenta o mais baixo nível de toda a Europa Ocidental; no segundo, a República Democrática Alemã (ou Alemanha Oriental) é o país mais industrializado, após a União Soviética, ao passo que a Albânia é um país predominantemente agroindustrial, e acusa o padrão de vida mais baixo de toda a Europa.

Paralelamente, em relação à famosa polêmica entre capitalismo e socialismo, não existe, de fato, no mundo atual, nenhuma sociedade socialista, ainda que não haja como refutar que as condições de vida do conjunto da população conheceram significativa melhoria, na medida em que educação, moradia, saneamento básico, alimentação, foram conquistados... por um preço muito alto, porque a população foi privada de direitos políticos, cívicos e sindicais. Nesse sentido, Castoriadis é incisivo: "privada de direitos políticos, cívicos e sindicais; envolvida à força em sindicatos que são meros apêndices do Estado, do Partido e da KGB; submetida a um controle policial permanente, à espionagem nos lugares de trabalho e fora deles, ao regime de passaportes internos e das cadernetas de trabalho; constantemente atormentada pela voz onipresente de uma propaganda oficial mentirosa, a classe operária russa está submetida a uma campanha de opressão e de controle totalitários, de expropriação mental e psíquica que ultrapassa claramente os modelos fascista e nazista e só conheceu alguns aperfeiçoamentos suplementares na China maoísta" (CASTORIADIS, 1985:44).

Dessa maneira, não é possível continuar sustentando aquela rígida divisão do mundo em "blocos" capitalista e socialista, com o que também cai por terra a bipolarização do mundo entre Estados Unidos e União Soviética. Aliás, desde o início da década de 1970, ficou claro que existe um mundo multipolar, ou seja, várias potências mundiais - os Estados Unidos, a "Europa 1992",

o Japão, a União Soviética (a superpotência no campo militar) - dividiram o mundo entre si, de sorte que a disputa pela hegemonia é mais acirrada e, para alguns, tende ao extermínio da civilização humana, já que a indústria bélico-armamentista-nuclear existente tem capacidade para destruir o planeta Terra algumas vezes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAVERMAN, H. **Trabalho e capital monopolista**. A degradação do trabalho no século XX. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

CASTORIADIS, C. O regime social da Rússia. In: **Os destinos do totalitarismo & outros escritos**. Porto Alegre: L. & P. M., 1985, p.41-65.

_____. **Socialismo ou barbárie**. O conteúdo do socialismo. São Paulo: Brasiliense, 1983.

FAIRE, A. Os conflitos interimperialistas na crise. In: AMIN, S.(org.). **A crise do imperialismo**. Rio de Janeiro: Graal, 1977, p. 45-92.

FRANK, A. G. O desenvolvimento da crise e a crise do desenvolvimento. **Comércio Exterior**. México, 30 (3):234-44, 1980.

_____. A crise econômica mundial e as perspectivas

políticas em meados da década de 1980. **Terra Firme**, Rio de Janeiro, (1): 67-76, 1985.

FURTADO, C. **A hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

_____. **O mito do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

HUBERMAN, L. **História da riqueza do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

LACOSTE, Y. **Geografia do subdesenvolvimento** (Geopolítica de uma crise). 7^a ed. refundida, São Paulo: DIFEL, 1985.

THOMPSON, E. Notas sobre o extermínio, o estágio final da civilização. In: **Exterminismo e guerra fria**. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 15-57, 1985.